

Director, Editor e Proprietário: Manuel Virginio Pires



POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Tel-fone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Biblioteca Nacional Serviço de Depósito Legal LISBOA - 2

TAVIRA



Se Rosália de Castro lhe chamou a cidade triste é porque a não viu sob a luz ridente do Sol ou listrada de tons, num ponto de fim de Setembro.

Tavira tem o ar senhoril de uma cidade antiga. Orgulha-se dos seus palácios, dos seus arcos, das suas ameias, do seu rio.

E este corta-a em duas, estende-se em deltas, forma esteiros, conflui-se com o oceano num amplexo, ansioso por beijar a ilha.

Tavira vista do alto tem a característica ancestral espalhada em seus pontegudos telhados, nas cúpulas das mesquitas que se cristianizaram, na brancura do burgo, nas ruas bifurcadas por arcos e galerias e ainda, o seu mistério, quando o luar a ilumina, batendo suave no seu Gilão, ou destacando as portas de frechas, onde se adivinham olhos rasgados que nos espreitam.

Tavira é «cidade linda», considerada jóia rara, agora que as cidades se deixam retalhar e vencer por arquitecturas relâmpago do após-guerra.

Querem alguns que ela é a antiga Balsa. No entanto, parece mais lógico situar essa na actual Luz.

Que esses balsaenses foram famosos e alguns de extraordinário valor, nos atesta a tradição e não nos repugna acreditar, que alguns se tivessem instalado na actual Tavira.

Outra versão diz-nos que os Gregos se instalaram no ano 3615

(384 A. C.) e ainda outros a atribuem a Briga, chefe dos Túrdulos, que lhe teria chamado Talabriga - Via Romana...

Talabriga com o rodar dos tempos converteu-se em Tavira, e dela nos fala Camões nos «Lusíadas».

Sabe-se que Fenícios e Cartagineses lhe deram muita importância.

Os árabes possuíram-na e tornaram-na um centro florescente.

Assim a encontrou D. Paio Peres Correia, quando a tomou em 11 de Junho de 1242, em desfronza pela chacina de sete mártires cristãos.

Tavira contribuiu — com navios e gentes armadas — para as descobertas.

No Regimento dos Mesteres de Tavira se lhe chama «a mui principal» do Reino do Algarve.

Cabe a honra a D. Afonso III de em 12 de Julho de 1266, dar à nobre Vila de Tavira o 1.º foral, que é o mais antigo do Algarve. E entre muitos privilégios que lhe concedeu, dava carta de foro aos Mouros, que ficavam unicamente dependentes do Rei, com autoridades especiais a velarem por eles e com direito de morarem em bairros e ruas próprias.

Ainda hoje se nota a Rua dos Mouros, Travessa do Poço dos Mouros e Mouraria.

(Continua na 2.ª página)

CRISE DE VALORES

A ÉPOCA das transformações chegou. Uma ansia de modificar tudo o que de qualquer modo se nos apresenta válido surgiu; quere-se até modificar os profundos ou superficiais princípios informadores da actual sociedade. Pensadores, escritores, filósofos, curiosos ou simples loucos propõem-se destruir o que o homem até agora construiu.

Malefícios, alguns nos vieram já desta vaga que assola assustadoramente o nosso século. Deixou-se, antes do mais, de respeitar as instituições, não se lembrando esses desrespeitados que sem instituições não há

— Há no mundo uma profunda crise de valores humanos; uma ausência de valor pessoal

A. ORTEGA GAISÁN

progresso, pois estas são a garantia de existência de meios que possam servir à obtenção de quaisquer fins. Começam as actuais instituições a apoiar-se simplesmente no que de mutável e provisório existe como, v. g., o homem — considerado fisicamente como uma máquina produtora de trabalho ou como um número — ou regras ideológicas, estas e aquele de feição forçosamente evolutiva e não estática.

(Continua na 4.ª página)

CINEMA AMADOR na CASA DO ALGARVE

É já no próximo dia 25 do corrente mês, que a Casa do Algarve levará a efeito na sua sede pelas 21,30 horas, a 3.ª sessão de Cinema Amador, que será dedicada à nossa Província. Serão exibidos, entre outros filmes de valor, os documentários «Um Passeio de Sonho à Praia da Rocha, de Pedro Figueiras Mathias e «Ferragudo» uma das melhores realizações do portimonsense Júlio Bernardo.

Francisco Saalfeld voltará a estar presente com a comédia «Vinho... e fantasia» e integrados na sessão serão também exibidos «Sinfonia Hidráulica» e «O Homem esse egoista», de Pedro F. Mathias.

Sessão para maiores de 12 anos.

A Secção de Cinema da Casa do Algarve solicita a todos os cineastas algarvios que estejam interessados nestas sessões o favor de se lhe dirigirem.

CRÓNICA DA GUINÉ DIVERSIDADE

PARA quem nunca saiu da Europa, o Continente Africano apresenta-se algo de misterioso, cheio de lendas e histórias que fazem com que o viajante que pela primeira vez

abandona o solo da Velha Europa, venha suspenso em pensamentos e imagens de ansiedade quanto ao que irá encontrar nessas terras.

A literatura sobre África e a leitura dos jornais e revistas, em que o Continente Africano aparece obrigatoriamente na ordem do dia, dão, por vezes, ao candidato a visitante, noções profundamente erradas sobre o que se lhe poderá deparar nessa visita. Não é que a maior parte da literatura e dos jornais não divulguem a verdade, mas porque levam muitas vezes o observador menos atento a generalizar para todo o continente o que é próprio de uma determinada região.

Ora, apesar do grande interesse que alguns dirigentes africanos têm em apresentar ao Mundo a África como um todo mais ou menos homogéneo, isto especialmente a sul do Saará, verifica-se que essa homogeneidade, origem de um

(Continua na 2.ª página)

A HABITAÇÃO

Documentam as estatísticas que as doenças presentemente mais mortíferas são as do coração. E nem é de admirar. A vida tem de cada vez as suas exigências mais perturbadoras. As solicitações enredam e enleiam o homem num frenesi alucinante a que ele não pode atender nem esquivar-se.

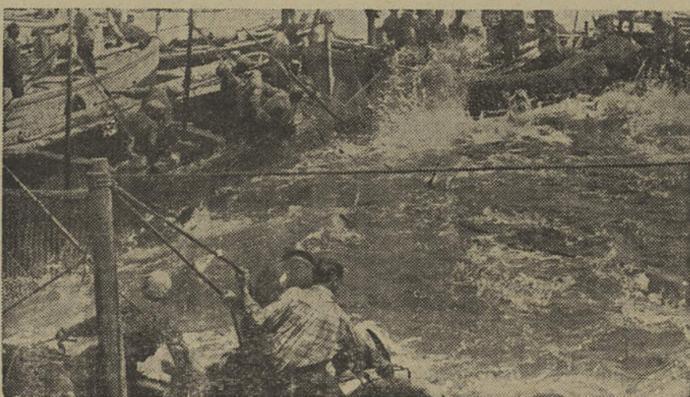
Esperem de manhã as camionetas e os comboios e vejam como os passageiros desembarcam num correr e atropelar desordenado e exaustivo. Quando o funcionário ou o operário chagam ao escritório ou à oficina já vão cansados. O que pode render esse dia de trabalho com o corpo já exausto e o cérebro a debater-se em intrincados problemas para que não encontra conveniente so-

(Continua na 2.ª página)

TROVA

Sempre que um génio desponta É logo dado o rumor, Pelos tolos como afronta Ao seu infimo valor.

V. P.



Um aspecto do Copejo do Atum, espectáculo de grande atracção turística

POETAS ALGARVIOS Cândido Guerreiro

CÂNDIDO GUERREIRO, na sua primeira fase, de expressão poética, é de características filosóficas que lembram Antero de Quental. Por último fixou-se no soneto pictural de forma lírica, tornando-se como João Lúcio um grande pintor do Algarve. Mostra-se, então, um verdadeiro enamorado da paisagem, desde Alte, sua aldeia natal, à orla marítima de fantástica beleza. Fala-nos das amendoieiras em flor, das ribeiras de águas espumejantes, dos casais brancos, ao colorido multiforme da paisagem.

Neve em flor! Sonho! Alvura! Quem descreve, o noivado irreal que se aproxima, tão branco, tão diáfano, tão leve, que nem talvez na música se exprima?

(Continua na 2.ª página)

O CINQUENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

COMPLETAM-SE presentemente os cinquenta anos volvidos sobre a aparição do Anjo, na Loca do Cabeço, prólogo das páginas da Fé que a devoção à Virgem escreveria nas abas da Serra de Aire.

Quando três pastorinhos procuravam abrigar-se da chuva, avistaram a pouca distância um pedaço de névoa com vaga forma humana. De manso aproximou-se e definiu-se, falou às crianças, apresentando-se como sendo o Anjo de Portugal, ensinou-as a rezar e aconselhou-as a oferecerem as suas pequenas mortificações quotidianas pelos que sofrem e pela Pátria.

Os pequenos perturbaram-se e depois da visão combinaram guardar segredo sobre o acontecimento. Pouco a pouco a impressão se foi diluindo, quer nos cuidados do seu pastoreio, quer nas brincadeiras próprias da idade.

Só no ano seguinte, depois de 13 de Maio, com as várias visões e diálogos na Cova da Iria, com a revelação das aparições e o ruído que em volta se fez, as três crianças se penetraram do alto papel que lhes fora destinado, no puro domínio da Religião e perante o País e o Mundo.

(Continua na 4.ª página)

Uma centenária

Completo a bonita idade de 100 anos, a sr.ª D. Isilda Palma, mãe do saudoso e distinto médico Dr. Carlos Palma.

Apesar da sua propecta idade é uma grande amiga do «Povo Algarvio», que lê todas as semanas.

Fazemos votos sinceros para que continue a contar os seus futuros aniversários com saúde.

## TAVIRA

Tavira teve, por cinco vezes a honra de ser visitada por monarcas. O primeiro que temos notícia foi D. Diniz, em 15 de Abril de 1303.

Quando da Conquista de Ceuta, no regresso desembarcou a esquadra em Tavira.

Num 2 de Fevereiro, Senhora das Candeias, D. Duarte ouviu missa no mosteiro de S. Francisco.

D. João II, com toda a sua corte, visitou-a em 1489.

D. Manuel também esteve em Tavira e D. Sebastião visitou-a em 1595.

A mais antiga referência que encontramos do estabelecimento de tropas na cidade, data do reinado de D. João I.

O seu Município teve origem na data da conquista da cidade em 1242.

Mais tarde fixou-se no local que hoje ocupa e que era grande praça, onde se vendiam todos os géneros alimentícios e outros. Mas também esse largo era o «Forum» onde se entabulavam boas relações e onde se passeavam os Senhores como num grande centro social.

O actual edifício da Câmara é a reconstituição de outro igual do passado, com suas arcadas, onde em épocas distantes escribas com bancas, papel tinteiro e pena ofereciam seus préstimos aos iletrados.

No aspecto benemerente, Tavira primou na luta contra a lepra com uma gafaria. Além disso, albergues e hospitais tiveram nomeada.

Houve nesta cidade um hospital de marítimos chamado do Espírito Santo, anexo à Casa do Compromisso.

Não é de estranhar que isso se desse, dado que em recuadas épocas houve hospitais privados de classes, tais como pescadores, arneiros, barbeiros, caldeiros, etc., hospitais que obedeciam a princípios associativos.

Teve a pesca grande importância em Tavira, fazendo-se em larga escala a do atum, baleia e coral, gozando os pescadores de grandes privilégios.

O princípio associativo, que hoje vemos tão desenvolvido, apareceu na classe marítima, muito cedo em Portugal.

Foi no reinado de D. Diniz, por carta de 10 de Maio de 1293, que se estabeleceu uma Companhia, na qual entravam os barcos com mais de cinquenta toneladas, sendo obrigados a contribuir cada um, com dois terços dos ganhos. O produto desta quotização entrava nas Bolsas do Comércio que havia em Lisboa e Porto.

Este profícuo expediente foi restaurado por D. Fernando e depois por D. João I.

Como corolário desta instituição, fundou-se a Ordenação e Companhia das Naus, na qual os homens de Tavira tiveram gestão.

A Misericórdia de Tavira com seu pórtico manuelino puro, tem compromisso datado de 1541. Este pórtico, encimado pela imagem de Nossa Senhora da Misericórdia e ladeado pela coroa real e armas da cidade, tem duas pilastras coríntias e frisos de folhagem e figuras, sendo considerado o melhor exemplar da Renascença em todo o Algarve.

Francisco de Holanda, referindo-se ao reinado de D. Manuel e ao seu inconfundível estilo de arquitectura, destaca: «a portada magnífica da Misericórdia de Tavira».

Para que nada faltasse a Tavira, Deus lhe deu famosas águas da cura do reumatismo e de várias feridas, as quais foram objecto de análises e estudos de grandes químicos alemães. São denominadas de Santo António e a poucos metros ficam da Capela.

Nos séculos XV e XVI, Tavira teve arceiros que atingiram grande nomeada. No reinado

de D. José fundou-se ali uma fábrica de tapetes: alguns deles figuraram na Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, efectuada em Lisboa em 1882. O Museu Municipal da Figueira da Foz guarda um exemplar e outro ainda se encontra no Museu de Arte Antiga.

Foram iniciadores desta indústria Pedro Margous e Teotónio Pedro Heitor, um francês e outro português, ambos mestres em tapeçaria. Tratava-se de tapeçaria manufacturada em lã, seda e algodão, como também fabricavam alcatifas de todas as qualidades, à imitação de outras da Europa e da Ásia.

Como já dissemos, foi Tavira grande centro de pesca e a índole da sua gente foi sempre disciplinada e fundamentalmente cristã. Assim, os pescadores agruparam-se em redor do seu patrono, S. Pedro Gonçalves Telo (O Senhor Santelmo) que ficou imortalizado no Canto V da estância XVIII, dos «Lusiadas».

A Nobre Classe dos Pescadores de Tavira, acompanhou sempre de alma e coração o progresso da sua terra e assim ainda hoje, se patenteia aos olhos de quem quer ver o Padrão dessa grande época, o templo, onde se encontra a venerável imagem de Nossa Senhora das Ondas.

Não só a parte espiritual lhe mereceu cuidados, pois a parte edificaram, como já foi dito, um hospital e compuseram em letra perdurável o articulado do Compromisso dos Pescadores, fundamento para estatutos corporativos, que é ao mesmo tempo, todo ele, prova de submissão e fraternidade cristã.

Pegando com a Igreja de Nossa Senhora das Ondas, está a actual Casa dos Pescadores. No rés-do-chão fica a farmácia com o mais moderno equipamento, sala de espera e outros serviços; no primeiro andar, o gabinete do presidente, onde se encontra uma rica bandeira com as armas de D. João V e outras preciosidades do antigo Compromisso.

Vemos ali instalados diversos Serviços Médicos e assistências, tudo modeladamente em funcionamento.

As verbas que esta Casa dos Pescadores despense em favor da assistência ao pescador, somam anualmente muitas centenas de milhar de escudos.

Tem cinco postos médicos, todos em edificios próprios, sendo três distribuídos por Santa Luzia, Monte Gordo e Cabanas.

Tavira com privilégio de Real concessão, outrora outorgados mimosa e senhoril, continua a ser guardiã de seculares milagres, de ingénuas lendas, de inenarráveis poetas quando os barcos na praia se assemelham a grandes asas desdobradas à brisa, quase a roçar pelas alvíssimas e cristalinas pirâmides de sal.

## Cândido Guerreiro A Habitação

(Continuação da 1.ª página)

Fala-nos do Algarve da beira-mar, com as falésias cor de lava dum amarelo rutilo e sangrento, das tempestades, do turbilhão confuso das procelas e de naufrágios.

Cândido Guerreiro escreveu sonetos de temas exóticos, pintou quadros de estanha beleza, de sabor oriental, com perspectivas luminosas, cujo ritmo musical e a imagem concorreram para efeitos de grande beleza.

Evoca o Oriente inigmático e perturbante, muitas vezes com sentimentos cristãos:

*Rezando Avé-Marias, na linguagem  
Que é feita de silêncio e suavidade,  
Eu ouço a voz sagrada da paisagem...*

## INCENDIO

*Daqui, desta falésia cor de lava,  
Dum amarelo rutilo e sangrento,  
O outrora debruçava-se um convento  
Sobre a maré multuosa e brava...*

*E, à noite, quando, no clamor do vento,  
Ao largo, o temporal se anunciava,  
E a voz das águas, soluçante e cava,  
Punha um trovão nas furnas, agoirento,*

*Logo, piedosamente, cada monge  
Suspendia uma lâmpada à janela,  
E tangia a sineta para o coro...*

*E, no mar alto, o navegante, ao longe,  
Viu um farol luzir em cada cela,  
E cada rocha a arder, em sangue e ouro...*

## Crónica da Guiné

(Continuação da 1.ª página)

pretensão nacionalismo africano, reside, quase exclusivamente, na cor predominante da maioria dos habitantes dessa região do Mundo. Escusado será dizer que uma solidariedade africana baseada exclusivamente na pigmentação da pele é utópica, uma vez que, embora a cor seja mais ou menos comum, encontramos diferenciações básicas profundas, caracterizadas por culturas, religiões, tipos físicos e línguas, próprios de determinados grupos étnicos.

Por isso, quando desembarcamos pela primeira vez em terras de África, vamos desfazendo dia a dia as ideias erradas que trouxemos, formando uma mentalidade que se poderá considerar universal.

A Guiné, com todos os seus contrastes, bem se poderá considerar um exemplo da diversidade dos povos africanos. Situada entre o Cabo Roxo, a 12° e 20' de latitude Norte e a Ponta de Cafete, a 10° e 59' de latitude Norte, ocupa uma área de cerca de 36 125 km<sup>2</sup>, em que se englobam três regiões distintas: a insular, constituída pelo arquipélago de Bijagós; a do litoral, formada pelas ilhas que estão junto à costa e as bolanhas imensas, todos os anos alagadas pelas chuvas torrenciais; a continental, para lá do limite das marés, região de Bafatá e Nova Lamego, onde aparecem alguns relevos.

É, no entanto, sobre o ponto de vista populacional que as diferenciações são profundamente acentuadas. Com um total de cerca de 511 000 habitantes, distribuídos pelas numerosas tribos étnicamente diferen-

tes: 30% de Balantas; 20% de Fulas; 14% de Manjacos; 12% de Mandingas; 7% de Papeis, e Brames, Nalus, Beafadas, Selupes, Bijagós e Cunantes com os restantes.

Há ainda a acrescentar os europeus, agora em número mais reduzido, e os caboverdeanos, em quantidade apreciável.

Há que ter em conta que os vários grupos básicos da Guiné têm diferenciações, que se situam tanto no aspecto físico como em ancestrais tradições, tão bem documentadas nas lendas e tradições tão bem documentadas nas lendas e narrações dos feitos dos gloriosos guerreiros seus antepassados, especialmente: entre Fulas e Mandingas. Diferenciações de línguas que fazem com que as diversas tribos usem o crioulo como língua comum. Diferenciações de religiões que separaram as raças islamizadas, Fulas, Mandingas, Nalus e Beafadas das restantes, quase todas animistas e feiticistas.

Todas estas diferenciações imprimem a cada um destes grupos étnicos costumes dispares que vão desde o trajar às relações familiares e aos hábitos alimentares. É perante esta diversidade que surge o conceito de um estado que reconheça e faça respeitar os costumes e os direitos naturais daqueles que se encontram profundamente enraizados na vida tribal, e de aos destribalizados estes especialmente alguns dos habitantes de Bissau, a possibilidade de colaborarem mais de perto na construção de um estado de que é a única possibilidade de garantir a unidade de um todo tão disperso.

António Pardete da Fonseca

(Continuação da 1.ª página)

lução? Porque vêm eles apressados, ofegantes, levantando-se demasiado cedo, emborcando à pressa uma chávena de café com um pouco de pão, de tão grandes distâncias? Porque não repousam perto dos seus locais de trabalho? Porque a renda exageradamente elevada de uma habitação não permite. Tenta defender-se procurando locais mais modestos, de rendas mais acessíveis, mas perturbando-lhe o necessário descanso, fazendo-o correr para chegar a tempo, obrigando-o a deslocções que também lhe levam dinheiro.

Este problema da habitação é dos que mais dolorosamente assoberbam e perturbam as sociedades actuais.

Sabemos que este mal é mundial e ainda mais agudo em muitos outros países, mas devemos prestar maior atenção ao que se passa em nossa casa. Não colhe aqui o rifão «mal de muitos, consolo de todos».

Tem-se feito muito em Portugal no campo de criar novas habitações mas está-se muito longe do que é necessário e, sobretudo, parte-se de um princípio falso.

Como pode um individuo com uma média de vencimento de mil a mil e quinhentos escudos — e tantos há que não chega — porque uma renda que lhe exige e que lhe absorve — feliz se a conseguir — meta-de do seu rendimento?

Devia começar-se por tabelar a venda dos terrenos onde se projecta a construção. Ao construtor não importa pagar alto, porque sabe que o inquilino tem de se curvar às suas exigências. E este tenta defender-se procurando locais afastados do seu trabalho, construindo barracas de lata ou madeira velha que são a vergonha de uma civilização, alugando um quarto onde vive numa promiscuidade ultrajante com os filhos, participando numa casa que pela sua pequenez mal lhe serve e onde ainda se alojam uma ou mais famílias, todas na ânsia de se salvar.

Para eles a renda não devia ir além de duzentos a trezentos escudos mensais.

Anacleto Pires

## TOTOBOLA

37.ª jornada 22/5/966

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Penafiel — Braga	2
2	Leixões — Guimarães	x
3	Salgueiros — Leça	1
4	Boavista — Famalicão	1
5	Covilhã — U. Tomar	1
6	Peniche — Oliveirense	1
7	Lamas — Ovarense	1
8	Sintrense — Oriental	2
9	Torrien. — Belenense	2
10	Lusitano — Atlético	1
11	C. Piedade — CUF	2
12	Barcelonense — Almada	1
13	Olhanen. — Portimon.	2

Jorge Cruz

## Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria

## ANÚNCIO

José António Negrão Sequeira Aspirante, Oficial do S.A.M.  
Chefe de Contabilidade do Conselho Administrativo do  
Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria

Faço saber que no dia 30 do mês de Maio corrente, pelas 15 horas, no Quartel da Graça desta cidade, perante a respectiva Comissão, se procederá à venda em hasta pública de artigos de material de aquartelamento (cobertores, lençóis, fronhas, caixas para roupa e outros artigos em ferro e alumínio) incapazes para o serviço do Exército.

Sobre a importância de arrematação de cada lote incide a percentagem de 3% para despesas de publicidade e outras.

Quartel em Tavira, 7 de Maio de 1966

O Chefe da Contabilidade,

José António Negrão Sequeira

Asp. Ofic. do S.A.M.

J. A. PACHECO  
TAVIRAFábricas de moagem de  
farinha espoada e ramasUma maquinaria completa aliada  
a um escrupuloso fabrico fazem  
com que os produtos das fábricas

## J. A. PACHECO

tenham a consagração do  
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

UM CONTO

A Lebre Espertalhona

AO PEDRO MIGUEL

(Em lembrança de um postal ilustrado com um lebre)

TRANQUILAMENTE andava uma lebre tratando da sua vida numa horta ao cimo de um vale quando, já perto, sentiu o latir de um cão. Olhou e viu um cão peludo e negro que mal a viu, contra ela arremeteu, com tal fúria que não prometia bons fins à lebre. Esta nem teve tempo de juntar umas folhas que tinha apanhado para o caldo verde da família, nem de provar umas uvas douradas que pendiam das cepas e que só de vê-las lhe tinham dado um alegrão e feito criar água na boca, reservando-as para a sobremesa do jantar.

Ainda pensou em fazer a distribuição dos seus bens por testamento, mas a ocasião não era propícia nem o cão era tabelião em que ela se fiasse. Agora só nas pernas confiava. Já a tinham muitas vezes livrado de apuros. Que bela vida aquela se não fossem os caçadores, os cães e as armadilhas. Não escolheu caminho nem a porta por onde entrara. Correu por entre as sementeiras, buscou um portelo que ela conhecia, disparou pelo vale adiante. Atrás o cão era a sua sombra negra. O seu resfolegar aumentava e ela sentia que ele já lambia os beiços imaginando-a entre os dentes.

Lembrou-se de lhe fazer uma prédica sobre a vida negra dos assassinos e as virtudes de uma mãe que granjeia para sustentar os filhos. Teve receio de que as suas palavras não o convencessem. Ele era negro por fora e prometia não ser mais claro por dentro. Se as pernas corriam não corria menos o cérebro em busca também de salvação. O vale acabava por uma ribanceira ao fundo da qual tinha a sua toca. O cão ganhava terreno. Urgia arranjar uma solução. Senão: era uma vez uma lebre que acabava seus dias nos dentes de um cão peludo e negro...

Ao chegar onde o vale terminava e começava a ribanceira, saltou para uma pedra, debruçou-se e disse numa voz que chorava: — «Ai, triste de mim! que fujo da boca do cão para cair na goela do lobo.»

O cão, mal ouviu falar em lobo, imaginando que ele vinha a subir a ribanceira e ia aparecer de um momento para o outro, deu meia volta tão depressa que nem bateu os calcanhares, e lançou-se na maior corrida de toda a sua vida.

Se muito havia corrido atrás da lebre, muito mais corria agora que imaginava o lobo atrás de si. Nem tempo tinha para limpar o suor e a baba. Era tão cega a carreira que nem reparou numa árvore que se

estendia sobre o caminho e onde foi bater com tal violência que rachou a cabeça e teve de ir depois a uma farmácia curar a ferida que fez.

Em cima da pedra a lebre ria, ria e chorava de tanto rir.

Ainda hoje quando nas longas noites de Inverno em volta do borralho, na sua toca, conta aos netos esta passagem da sua vida, puxa os óculos para a ponta do nariz e ri às gargalhadas.

Anacleto Pires

VENDE-SE

Ilorta da Campina, com cerca de 20 courelas, com ótimo terreno, água abundante tirada a motor, diverso arvoredo de fruto, a 3 quilómetros de Faro, junto à estrada de S. Brás de Alportel,

Acceptam-se propostas em carta fechada dirigidas ao próprio, Anibal Augusto Martins, Rua da Olivença, 10-2.-dt.-Almada, até ao dia 10 do próximo mês de Junho, reservando-se o direito de não entregar caso não convenha.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Adelaide Corvo Peres, D. Maria da Encarnação Laranjo Conceição Fonseca, D. Maria Luísa Fialho Gomes, D. Maria Caetano do Rosário Frangolho, D. Maria Antonieta do Rosário Frangolho, D. Lidia Lopes Rodrigues, D. Maria do Espírito Santo Viegas Evangelista, menina Helena Maria Gago Cansado e o sr. António dos Ramos Vaquinhas.

Em 17 — D. Maria Adelaide Correia Rico Viegas e D. Maria Julieta d'Oliveira Cruz.

Em 18 — D. Maria Celeste Pires Cruz Santos, D. Mariana José Mimoso Paísa, D. Emilia da Encarnação Galhardo Cardoso, D. Maria Bernardette Machado Alves de Matos, D. Isilda Palma, meninos José Eduardo Palmeira Costa, Luis Filipe Palmeira Costa e o sr. Joaquim Gil Madeira Teixeira.

Em 19 — D. Maria Alda Martins Vargues Abreu e Costa, meninas Ofélia Maria Augusta de Azevedo Pereira, Maria do Rosário Bras Cavaco e os srs. João Gago da Graça e Francisco do Nascimento Trindade.

Em 20 — D. Maria da Conceição Pires Cruz Lança, D. Olivia da Conceição Pisco Viegas, D. Maria José Bernardino Matos e o menino José Carlos da Palma Santos.

Em 21 — D. Orlanda Maria Galhardo Palmeira, Menina Maria Helena Correia Galhardo Palmeira e os srs. Prof. Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, Ernesto da Conceição Franco, Carlos Luis de Oliveira Loureiro e Jorge de Brito Gago.

Partidas e Chegadas

Deu-nos o prazer da sua visita nesta redacção, o nosso prezado amigo e assinante sr. Anibal Augusto Martins, residente em Almada, que esteve nesta cidade acompanhado de sua esposa.

Informações Fiscais

Obrigações Fiscais durante o mês de Maio:

**Contribuição Industrial, Grupo C** — Continua a pagamento a contribuição industrial, Grupo C (1.ª prestação ou prestação única), vencendo-se neste mês o juro de mora de 0,7%.

**Contribuição Predial** — Também com o acréscimo dos juros de mora está a pagamento a 2.ª prestação, quando dividido em 4 prestações.

**Imposto de Capitais, Secção A** — Prossegue o pagamento deste imposto, sujeito ao agravamento de 0,70% de juros de mora.

**Taxa Militar** — Até 31 deste mês deverá satisfazer o pagamento voluntário da taxa militar em qualquer Tesouraria da Fazenda Pública do País.

Pela Imprensa

«Beira Baixa»

Comemorou a passagem do seu 29.º aniversário este nosso prezado colega, importante semanário defensor dos interesses da sua provincia, jornal de grande aceitação sob todos os aspectos que se queira focá-lo, muito bem elaborado com uma magnífica apresentação gráfica.

Para o seu ilustre e distinto director sr. Eng.º Manuel de Almeida Garrett e a todo o corpo redactorial vão as nossas efusivas saudações com votos de longa vida para o seu jornal.

«Correio da Feira»

Festou a passagem de mais um aniversário este nosso prezado colega, Semanário Republicano Regionalista, que há 69 anos vê a luz da publicidade em Vila da Feira.

Por tal motivo endereçamos à sua ilustre directora e editora sr.ª D. Brizida Monte Santos Soares Alvão as nossas felicitações com o desejo de muitas prosperidades para o seu jornal que também são extensivas a todos os que naquela Redacção trabalham

«Expansão»

O quinzenário «Expansão» que se publica em Coimbra completou agora mais um ano de publicação o VII, é inteligentemente dirigido pelo seu director, editor e proprietário sr. Manuel Ayres Falcão Machado.

Para ele vão as nossas mais expressivas saudações com votos de longa vida para o seu jornal.

«O Jornal de Estarreja»

Completo este nosso prezado colega 79 anos de existência, quinzenário defensor dos interesses da sua região e de todo o Baixo-Vouga, que é habilmente dirigido pelo seu director sr. Eduardo Alberto Costa.

Enviamos-lhe cordiais saudações com votos de longa vida para o seu jornal.

TRANSCRIÇÃO

O artigo intitulado «Tavira», que noutro local damos à estampa, da autoria da sr.ª D. Maria Carlota d'A. Santos, foi transcrita com a devida vénia do Jornal do Pescador.

PERDEU-SE

Tampão de roda de automóvel Chevrolet.

Gratifica-se a quem o entregar no Alto de S. Brás, 12, ou no Posto da P. V. T.

COMPRO

Terreno, nos arredores de Tavira, com área de 2 a 3 mil metros quadrados, fora da zona urbanizada.

Nesta Redacção se informa.

Livros

e Revistas

**Medicina Natural** — Publicou-se o 5.º referente a Maio, desta simpática revista de medicina natural, tão útil pelos seus salutaros ensinamentos.

**Terras de Portugal** — Esta simpática publicação de propaganda turística e regionalista dedica o seu número de Fevereiro-Março à cidade de Aveiro.

Na capa insere uma interessante fotografia da sua Sé Catedral, antigo Convento de S. Domingos, e o Cruzeiro gótico-Manuelino à entrada do adro.

**Ciência e Técnica Fiscal** — Publicou-se o n.º 85 do boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos cujo sumário é de grande utilidade para os que se dedicam ao estudo da ciência fiscal.

**Espectáculo** — Recebem o n.º 12, referente a Maio, desta apreciada revista mensal de arte e tauromaquia, a melhor do seu género que se edita entre nós.

**Eva** — Publicou-se o n.º 1132, referente a Maio, desta simpática revista feminina cujo sumário encerra assuntos de grande interesse e utilidade feminina.

Recomendamo-la a todas as nossas leitoras.

Precisa-se

Viajante com automóvel, conhecedor do ramo, para trabalhar colecção de lanifícios no Algarve e Baixo Alentejo.

Resposta ao apartado 146 COVILHA



MARIA JOSE VARELA CAVACO FERRO  
Missa de Sufrágio

A família da desditosa Maria José Varela Cavaco Ferro, comunica às pessoas amigas que no próximo dia 19 do corrente, pelas 8,15 horas, na igreja de S. Tiago, será celebrada missa de sufrágio pela passagem do 2.º aniversário do seu falecimento, agradecendo a todos os que se dignaram assistir ao piedoso acto.

Agradecimento

Adelaide Pires Cruz

A família de Adelaide Pires Cruz, para evitar qualquer omissão por ilegitimidade de moradas, agradece a todas as pessoas que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

Agradecimento

A família de João Vitor na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e bem assim a todos que, directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

VENDE-SE

em Tavira

Terreno murado com 3 000 m2 na Rua José Joaquim Jara (zona industrial).

Informa Rua Jacques Pessoa n.º 16 — Tavira.

VACAS

Vende ou Troca

5 vacas taurinas por ruivas. Tratar com Joaquim Pires Cruz, «Vivenda Adelaide» — Tavira.

**SE VAI EMIGRAR...**

**...VOE PELA TAP**

Para todas as informações dirija-se ao escritório de TAP mais próximo

Em FARO: Rua D. Francisco Gomes, 8

No PORTO: Praça D. Filipe de Lencastre, 3

Em LISBOA: na Praça Marquês de Pombal, 3-1/c. Esq. ou pelos telef. 5 91 01 e 4 21 10

A TAP organizou, para si, UM SERVIÇO ESPECIAL DE ASSISTÊNCIA

**TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES**

Câmara Municipal de Tavira ANÚNCIO

Beneficiação de Fontes Públicas no Concelho de Tavira — 3.ª fase

Torna-se público que, conforme deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 5 do corrente mês, se encontra novamente aberto concurso público para a empreitada da obra de «Beneficiação de Fontes Públicas no Concelho de Tavira — 3.ª fase», cuja adjudicação será feita na reunião de 6 de Junho próximo.

A base de licitação é de 135 231\$00, já acrescida de 20%, devendo os concorrentes instruírem as suas propostas nos termos do respectivo programa e entregá-las na secretaria desta Câmara Municipal até às 12 horas do dia 4 de Junho de 1966.

O projecto e demais elementos respeitantes à empreitada em epígrafe, acham-se patentes ao público na Repartição Técnica de Obras Municipais, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório é de Esc. 3 380\$00.

Tavira e Paços do Concelho, em 9 de Maio de 1966.

O Vice-Presidente, em exercício,

Francisco Domingues da Encarnação Martins

Número especial

do XXII.º aniversário

DA REVISTA FLAMA

A «Flama», de que é director o dr. António dos Reis, faz 22 anos esta semana, pelo que publica um número especial. Na capa, magnífica e a cores, a equipa do Sporting Clube de Portugal, vencedora do Campeonato Nacional de Futebol. Nas páginas interiores, o treinador Otto Glória escreve um artigo sobre o futuro da equipa que conduziu à vitória. Outro tema desportivo neste número é assinado por Alfredo Farinha que a «Flama» convidou a pronunciar-se sobre as perspectivas da participação de Portugal na Taça Jules Rimet, em Londres.

Outras grandes reportagens neste número: A Ponte sobre o Tejo: sonho de um século; entrevista exclusiva com as duas filhas do Presidente Johnson e «Panorâmica da filatelia portuguesa», além de todas as secções habituais

Este número recordação é um êxito da «Flama», sem dúvida, a melhor revista do mundo português.

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 323

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

# STOP ALGARVIOS: ENTÃO PARA ONDE VAMOS NÓS?!

**D**EPOIS de vegetar algumas semanas quase dentro do olhar da lua, o meu compadre Raul resolveu-se a vir remendar o saco do sentir que uma trovoadade de nervos lavrou em seco. E sem mais aquelas, entrou logo de riso agachado:

— Ora, pronto, compadre, aqui me tem à ilharga dos olhos, para ver se aqueço o frio que trago nos bolsos. É que lá em cima, quase dentro da boca da lua, ouvi falar tanto da cavalgante venda das nossas propriedades, aos estrangeiros, que tenho todo o interesse em saber da sua opinião sobre este assunto das nossas terras, tanto mais que o meu filho tem uns bocadinhos de seu... e assim...

— Não avance mais, compadre, que eu lhe explico o que se passa com a venda das nossas quintarolas, pois a coisa já trás as suas pegadas no cimo dos cabeços mais altos da nossa provincia.

— Ah sim? Pois é sobre tal assunto que hoje pretendo esticar o pescoço da ideia, compadre, dado o falatório que a coisa já começou a provocar lá em cima... por isso...

— Sem que seja bruxo, acho que a coisa se compreende bem, logo de caras. Mesmo tão bem, compadre, que compreendi todo o seu desejo. Ou melhor: estou mesmo a vê-lo de dentinho afiado para morder na isca seca com que os estrangeiros fritam certos bocados das nossas aldeolas e furnas à beira mar...

— Não diga mais, compadre, que eu também preciso de esquecer a farnalha do pensamento, homem!

— Então diga lá coisas... mas olhe que se não tiver razão...

— A razão, como sabe, fica sempre bem do lado de quem a quer. E quando assim não acontece, fica-nos sempre um certo formigueiro na ponta da língua, compreende? Portanto...

— Portanto é que a razão é sempre razão, embora muitos a julguem trazer sempre nos bolsos... Eu pelo menos procedo assim. Mas adiante, e diga o que sente...

— Se é verdade o que eu ouvi ontem à noite na tasca da Custódia, as coisas levam um rumo bom quanto aos novos donos das nossas terras, compadre. Até o Alentejano, que não entende nada da coisa, abriu a boca nestes termos: «Ainda bem que os estrangeiros descobriram a nossa parvalheira, senão... pois só eles é que seriam capazes de dar dinheiro aos alcofões, por bocados de terra bravia, quando não são só de cascalho, só por terem o mar em frente... manias do dinheiro, amigo. Manias parvas. Pois se não fossem certas manias, certos tipos nunca mais limpariam a caspa dos bolsos. Assim, olha...»

— Deixe lá falar os que apenas falam pela boca da conveniência, compadre, que as coisas levam outro rumo. Ou você também é?...

— Eu, não, compadre. Como sabe, não perco tempo com as coisas que moram no fundo do poço da matemática: gosto da água mais à superfície, compreende? Por isso, dê-me tempo a acender o pavio da candea da ideia...

— Nesse caso...

— Nada disso: espere que o fósforo acenda... ou acha que devo abrir a boca sem pensar?

— Não, compadre, puxe pelo manipulo da consciência, que eu espero um bocadinho...

— Para lhe ser franco, eu acho que os donos dos hortijos têm razão em aproveitar a ocasião...

— Mas e porque pensa assim?

— E que aproveitando o bafojo da sorte, ficam ricos!

— Ficam ricos. é uma força de expressão: o que temos nós ganho com a subida dos salários? Acompanharam eles o custo da vida? Claro que não! E desde que o dinheiro começou a vir lá de fora, quase que em combóios especiais, tanto pior! E se a coisa continua, o que acontece depois?

— O [que acontece depois? Está claro como água:

— como os estrangeiros não vêm para cá trabalhar, terão de pagar bem a quem os servir. Ou não será assim?

— Você está a ver mal a coisa, compadre: e o resto?

— O resto é que se viverá melhor, e passavamos a ser outra gente!

— Sim, que passavamos a ser outra gente, já eu sei... mas e que espécie de gente? Mais burros de carga?

— Qual carapuça, compadre!

— Então, vejamos: Se das terras ainda em poder dos algarvios, as coisas saiem de lá pelos olhos da cara, quem as pode comprar depois, quando o Algarve estiver só nas mãos dos estrangeiros, o que acontece? Já pensou bem no caso a sério?

— Penso que se o nível de vida subir, tudo terá de acompanhar a fuga do próprio tempo. Ou não?

— Se olharmos para trás, só torcemos o pescoço e enfiámos os olhos um pelo outro, compadre, nada mais! Ainda não reparou na diferença que há entre o nosso poder de compra e o do estrangeiro? Ponha só os olhos no peixe que eles comem. Podemos comprá-lo? Quem tem lucrado com toda esta subida? Temos sido nós, ou apenas os donos do dinheiro? claro que estes!

— Mas eu tenho para mim que a vida melhora.

— Sim, melhora... sempre assim foi: melhora para a minoria, mas piora para a maioria! E estes últimos quem são? Sim, quem são eles? Os que vivem do magro ordenado!

— Nesse ponto tem razão, Mas...

— Mas é que os que vendem as terras não têm depois onde empregar esse dinheiro! Ou vão empregá-lo no estrangeiro?

— E que dúvidas há nisso?

— Ora, ora, compadre, você parece estar a sonhar alto... Ora acorde ao som desta serenata, que é bem bonita: se a vida e a compra de propriedades, fossem coisas fáceis lá no estrangeiro, eles apareceriam por cá, sim, mas não se deixariam adormecer ao som das ondas do nosso mar, apenas a olhar o nosso sol e as nossas noites estreladas de Janeiro...

A coisa é outra, compadre: E que com a massa que compram lá um palmo de terra para um galinheiro decente, compram aqui uma boa propriedade. Ou não será assim?

— Até certo ponto...

— Até certo ponto? Então deixe lá correr o tempo, que depois me dirá — mas já é tarde!

— «você tinha carradas de razão, compadre!» Salvo que regressemos ao tempo dos mouros... Depois é que é o bom e o bonito...

— Você parece que fala com as santas alminhas, compadre!

— Chame-me os nomes que quiser, mas olhe melhor para dentro de si, homem...

— Não, não, eu não lhe chamei nomes...

— Então até amanhã, mas traga a ideia mais fresca, ouviu?!

J Santos Stockler

## Grupo Columbófilo Cabana, s.e

Resultados do concurso de Santarém, realizado no passado domingo:

1.º e 3.º Zacarias Chagas; 2.º Leonel Chagas; 4.º, 5.º, 6.º e 10.º Joaquim Portugal; 7.º António Mestre; 8.º e 9.º José Chagas

## Pequenos Apontamentos

### JÓIAS

Vimos ontem, descoloridas e sem graça, nêspersas a 1850 o quilo.

Olhámo-las supersticiosamente e afastámo-nos com o acatamento que nos merece uma coisa intangível. Só estranhámos que as não arrecadassem em merecido esconjuro. Nem pela mente nos passou adquiri-las: porque para tanto não nos chegava a pecúnia e porque julgámos que para fazê-lo seria necessário irmos munidos de chapéu alto e casaca, trastes, que, felizmente nunca envergámos.

Lembrámo-nos, e com que deliciosa e pungente saudade o fizemos, dos tempos em que iam à horta da Penha, em Faro, e por um pataco (304) obtinhamos um cento de carudas e sumarentas nêspersas de que aquelas, caras como jóias preciosas, nem eram sequer um páldio reflexo. E ainda gozávamos o privilégio de admirar o casal de avestruzes que o senhor Comendador Ferreira Neto guardava naquela sua propriedade.

### AS CANAS

Falámos dos canaviais do Guadiana e da passagem das canas para Espanha sem pagamento de direitos e sem opórbio de contrabando. Pois diremos agora que toda ou quase toda a população espanhola feminina se dedicava à indústria do fabrico de canastras. De manhã era ver as guapas raparigas agarradas ao seu trabalho de adaptar as canas e à tarde encontrá-las no passeio à beira-rio todas garridas, gabreando, cantando e até dançando as suas bem conhecidas e tradicionais sevillanas. Nos estabelecimentos os fregueses colocavam sobre o balcão uma ou mais canastras e pediam o artigo de que necessitavam e que lhes era entregue em quantidade consoante o valor da mercadoria apresentada e já previamente estabelecido.

Terão já desaparecido estes hábitos?

### ACTIVIDADE

Não sabemos se repararam naquele espectáculo que a Sociedade de Educação Física de Torres Vedras foi dar a Lisboa e que apresentou 5.0 ginasistas seus que se faziam acompanhar de outros tantos adeptos.

Que esforço, que tenacidade e que confiança em si próprio é necessário ter para se apresentar uma tal prova de vitalidade.

Quantas povoações que nós conhecemos, não inferiores em população, e que definham, se estiolam, hibernando numa letargia que quase já tem os lívres da morte.

Daqui saudamos com entusiasmo a activa população de Torres Vedras que tão alto exemplo patenteou e que bem merece ser seguido.

### OUTRO EXEMPLO

E logo adiante reparámos que dois pequenos lugarejos de uma freguesia de Porto de Mós tendo necessidade de uma estrada se aborreceram de esperar que lhe fizessem, meteram ombros à tarefa e executaram-na.

Têm a sua estrada, duplamente ou inteiramente sua porque é filha do seu esforço.

Entretanto conhecemos regiões que esperam que tudo lhes caia do céu e vão cantando dolentemente as belezas do seu céu azul, as glórias do seu claro sol e a branca espuma do seu mar remansoso.

### CRIANÇAS

Respigamos de um jornal do mesmo dia: um menino mata a mãe com um tiro da espingarda que era do pai; uma menina morre afogada numa represa onde fora lavar a roupa da sua boneca como vira fazer a sua mãe; e outra menina engole uma moeda no que já é recorrente. É um rosário infinito de desgraças que acontecem com crianças.

Não faremos comentários que os factos na sua mudez expressiva falam por si. Recomendamos e recomendamos sempre cautela, muita cautela, pois toda ela não chega para defender as crianças dos seus desatinos.

A. P.

## O cinquentenário das aparições de Fátima

(Continuação da 1.ª página)

Para comemorar este primeiro cinquentenário da pedra angular que o Céu lançou no edifício portentoso de Fátima, organizam-se peregrinações que de todo o mundo vão confluír ao Santuário de Portugal.

A peregrinação nacional foi presidida pelo Cardeal Ferretto.

A par da abertura das Bodas de Ouro de Fátima, reuniram-se também os peregrinos às intenções da celebração do 1.º milenário da Polónia Cristã, pedindo para aquele país o progresso e a paz.

15 DE MAIO



## P.º José Manuel Semedo Azevedo - Pároco de Albufeira. Festa e Cortejo Alegórico do Beato Vicente de Santo António - no dia da bênção da sua primeira imagem

**C**OM vivo prazer folheámos e lemos a edição primorosa da magnífica memória descritiva relatando o dia maior da nobre Vila de Albufeira.

Foi uma data inesquecível aquela que o douto pároco daquela localidade, rev. Manuel Semedo Azevedo fez viver a vila de Albufeira, e que por muito perdurará sem confronto.

Pelas ruas da pitoresca povoação, deslumbrada e cheia de entusiasmo em comovedora visão retrospectiva desfilou o Beato Vicente de Santo António, em todos os transe da sua vida, desde o baptizado na igreja de Cristo da sua terra natal, até ao caminhar para a fogueira entre os esbirros carregados de lenha para o queimar, em terras do Japão.

O Santo encontrava-se integrado no seu tempo, de conquistas e viagens marítimas sábia e pacientemente evocadas, com severo rigor de indumentária e grande aparato reinava em todo o cortejo onde se incorporou o venerando prelado, representante do antigo Governador das Armas do Algarve.

Todo o Clero, entidades oficiais, figuras representativas da

provincia e imenso povo aderiram às cerimónias que foram grandiosas.

Encantado com a gentileza da oferta, o nosso jornal agradece a maravilhosa separata repleta de fotografias, muitas delas a cores, e cumprimento o rev. pároco de Albufeira pela sua insigne realização.

Que Deus e o Beato Vicente animem S. Rev.º a muitos e eruditos trabalhos e lhe dêem saúde e gosto para os realizar.

## CRISE DE VALORES

(Continuação da 1.ª página)

Um exemplo da verdade desta decadência é-nos dada pela resposta que os biólogos franceses, prémio Nobel, Jacques Monod e François Jacob deram a um jornalista que lhes perguntou se pensavam que o humanismo e a ética tradicionais — dominados pelos sistemas metafísicos e teológicos da cristandade — dariam ao exercício das novas responsabilidades da ciência — por mais longínquas que elas fossem — bases suficientes. Resposta de Monod: «De maneira nenhuma»; de Jacob: «A ética da nossa sociedade é mais velha ainda que a cristandade».

Para estes cientistas, esta ética, fruto de princípios espirituais e transcendentais, e válida durante largas centenas de anos numa civilização, já se revela decadente e imprópria. Urge sim criar uma nova.

A par da crise das instituições surge-nos, a um nível mais concreto e material, embora paralelo, uma crise de chefes. Sobre esta muito se fala e muitas soluções são dadas. Para a suprir pretende criar-se chefes como quem cria uma máquina, e até se formulam regras que os aspirantes a chefes devem seguir.

Duvidamos que se houvesse instituições sólidas esta crise de chefes se fizesse sentir, pois a instituição, nomeadamente a política, supera o homem no que ele tem de defeituoso. O grande mal virá então de quando o homem superar a instituição «A maior desgraça é o nascimento de um grande homem» — já disse Poincaré. Mas esta hipótese será bastante menos perigosa do que a anterior e os riscos a correr bastante inferiores.

Logo a solução para esta crise de valores humanos surge em virtude das transformações que hoje em dia se achou por bem (mal) fazer, e na qual involuntariamente nos encontramos, consiste única e exclusivamente num acreditar as instituições.

Para que isto se processe será necessário em primeiro lugar, e como condição absolutamente indispensável, fazer as instituições «apoiar-se sobre as almas e consciências», como muito bem o viu Henri du Passage. Não consideramos pois, as instituições como valores meramente materiais, já que estes são provisórios, acessórios, mutáveis e tendentes a desaparecer. Qualquer realidade que pretendamos tornar válida e estável terá de possuir uma base não material.

Com instituições válidas surgirão automaticamente acções válidas, que gerarão um progresso válido, não se falará então de «crise de chefes»; e tudo isto sob o signo da estabilidade.

José V. S. Moura



**Cinema Desmontável - Imprensa José Martins** - Espectáculos da Semana.

Hoje, *Chamada para a morte*. Em complemento, *Jovens Solteiras*, com Christiane Martel e Mapita Cortés, 17 anos.

Terça-feira, *Oringo*, com Richard Harrison, ténicolor. Em complemento, *Em redor da vida*, (drama), 12 anos.

Quinta-feira, *Catarina da Rússia*, em eastmancolor e *Escrava do pecado*, com Silvana Pampanini, 17 anos.

Sábado, *Um dólar furado*, com Evelyn Stewart, em téniscope, e *Se te mexes, mato-te*, comédia, com Renato Rascel, 17 anos.

**Farmácia de serviço** — Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Aboim.



### Santo Estêvão

**Uma nova estrada** — Com a base de licitação de 263 761500 foi adjudicada ao sr. Tomás Martins Barriga, a primeira fase da estrada entre a Venda Nova e o Poço do Vale com passagem pelas Covas de Prata, no percurso de 2 quilómetros.

A nova via de comunicação vem beneficiar imenso os habitantes daquela região, pois os caminhos presentemente são quase intrançáveis e assim dentro em pouco se transformará numa ótima estrada com livre acesso à sede do concelho e às demais localidades.

**Festa de comunhão de crianças** — Realiza-se no próximo dia 22 do corrente, a festa de comunhão de crianças, a cargo de rev. pároco da freguesia e de um grupo de gentis meninas suas colaboradoras.

Do programa salienta-se: Às 11 horas, missa solene acompanhada pelo grupo coral da Fuzeta, e comunhão; Às 18 horas, recitação do terço; Às 20 horas, procissão em honra de Nossa Senhora de Fátima, havendo sermão ao reolher, por um distinto orador.

Após a missa, será também servida às crianças que participarem no solene acto, um esmerado lanche na sede da Junta de Freguesia. — C.